

LUIZ GARCIA

Sem queixas ao bispo

Marcelo



Só um exemplo: numa de suas passagens pelo Rio, a certa altura das celebrações ele exclamou, alto e bom som: "Se Deus é brasileiro, o Papa é carioca!" Maravilhosa declaração. Ela aquece o coração dos fiéis que a ouvem e ainda cabe certinho numa manchete de página, numa chamada de televisão. Esse é apenas um exemplo do uso inteligente — o que significa sem exageros e nunca falando o que não devia — que João Paulo II fazia de sua imagem. Já o nosso cardeal parece ter dado sinais de que não administra sua personalidade com grande competência. Pode ser que ela, como certos vinhos, viaje mal.

Enquanto isso, o nosso jornalismo laico, principalmente em jornais e TV, parece estar dando conta bastante bem da missão de falar muito sem dizer bobagem. A tal ponto que, vamos logo confessando, quem ainda não se manifestou dispõe de escasso terreno disponível para comentários originais e profundos: a porta da originalidade parece trancada para os retardatários. Sequer podemos, por ser obviamente impróprio, queixarmo-nos ao bispo.

Enfim, e como o Muro das Lamentações fica em outra religião, chega de choro. Sempre é possível fazer alguma observação aparentemente inteligente sobre o que tem acontecido estes dias em Roma. Por exemplo, o fato de que os rituais de velório e funeral não são imutáveis, diferentemente do código rígido que regula o conclave. Seria exemplo disso a novidade daquele cortejo que cruzou a Praça de São Pedro, levando o corpo de João Paulo II do Palácio Apostólico para a Basílica de São Pedro.

Certamente há algo poderosamente simbólico nessa travessia do mar de fiéis. Mas a mente tacanha tem de confessar que, ao ver a foto da cena, a primeira impressão foi sobre detalhe sem qualquer relevância, mas que invadia o primeiro plano: as solas dos sapatos do Papa falecido. Pois é: alguém já vira antes as solas dos sapatos de algum Vigário de Cristo? Hein?

TEMA EM DEBATE: *Religião e conhecimento*

Uma perigosa tendência à censura

ALAN I. LESHNER

Quando vermes capazes de sobreviver a condições térmicas extremamente quentes fazem inadvertidamente ataques súbitos de blasfêmia, fica claro que uma perigosa tendência cultural está em marcha. Na América atual, a supressão de informações cientificamente precisas está se espalhando rapidamente. A censura da ciência já é suficientemente nociva nas salas de aula. Agora ela está se movendo também para museus de ciência e cinemas.

Cientistas e líderes religiosos sensatos afirmam igualmente que fatos e fé não deveriam ser antagonísticos. Porém, visões marginais extremistas falam mais alto. O debate entre o criacionismo e a evolução é um debate sem fim e sem foco também, pois as interpretações literais do Livro do Gênesis são uma questão de fé, e não fatos.

Mais recentemente, "Vulcões do mar profundo", um filme cinematográfico apresentando bizarros vermes das profundezas marinhas, foi avaliado pessimamente em algumas sessões preliminares com frequentadores de cinema, os quais se sentiram ofendidos por uma referência às origens da vida. Compreensivelmente temerosa, a equipe do Museu de Ciências e História de Fort Worth rejeitou o filme. Porém, a seguir, demonstrou uma tremenda coragem ao mudar a decisão.

Outros gerentes de cinemas continuam a se preocupar com filmes como "Galápagos", estrelando tarta-

rugos gigantes, iguanas e outros habitantes da famosa ilha de Darwin. Apesar de somente algumas poucas salas de cinema terem rejeitado os documentários, a tendência poderia desencorajar investimentos em programação científica de alta qualidade, informou Cornelia Dean no "The New York Times".

Tais incidentes levantam sérias questões sobre a liberdade da ciência e nossas obrigações como cidadãos-cientistas na educação acurada do público. Em resposta, na Associação Americana para o Avanço da Ciência (AAAS), enviamos recentemente uma carta a 410 membros da Associação de Centros de Ciência e Tecnologia, exortando-os a se manterem em suas bases.

Normalmente, o debate sobre evolução é considerado um "problema americano", e isso é verdade: em uma pesquisa da Associação Nacional dos Professores de

Ciências (NSTA), aproximadamente um terço dos 1.050 entrevistados informou que se sente pressionado a incluir o criacionismo, projeto inteligente ou outras alternativas não-científicas à evolução em suas aulas de ciências.

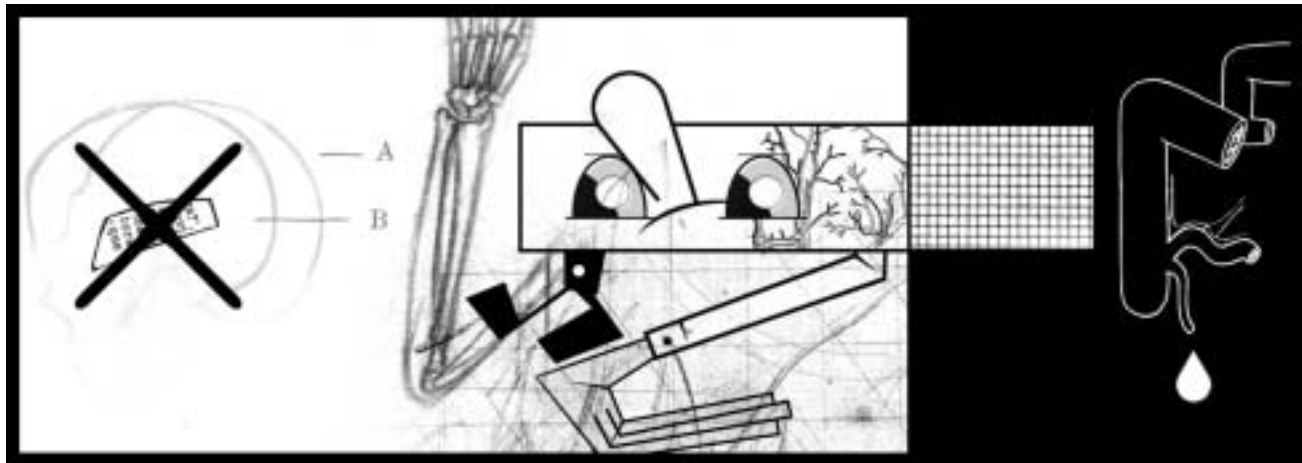
Porém, os Estados Unidos não estão sozinhos nesses conflitos. No Brasil, onde a população evangélica protestante quintuplicou desde 1940, os criacionistas vêm aumentando os esforços para combater o ensino da evolução. Em Belfast, o evangelista australiano Ken Ham do Ministério Respostas no Gênesis afirmou em um encontro na prefeitura em 8 de março que a "evolução é uma religião e não uma ciência", informou o "Irish Times". Suas palavras ecoaram em um comitê escolar de Dover, Pensilvânia, e nos adesivos de isenções legais nos livros-texto de ciência em Cobb County, Geórgia.

Os alunos são ensinados de que a teoria da evolução de Darwin é um "ponto de vista sob discussão".

Entretanto, dentro da comunidade científica, não há nenhuma confusão — a versão atualizada da proposta original de Darwin, a qual afirma que plantas e animais evoluem e se adaptam gradualmente ao longo do tempo, é apoiada por milhares de estudos e bem aceita por praticamente todos os cientistas do mundo. Além disso, a teoria da evolução não entra em conflito, de fato, com as visões religiosas da maioria dos seguidores das religiões judaica, cristã, muçulmana, budista ou hindu.

Os conflitos surgem somente entre aqueles que acreditam que Deus literalmente criou o universo e seus habitantes, incluindo Adão, em sua forma atual, há 10 mil anos atrás — e não há 14 bilhões de anos atrás, como demonstrado pelas extensas evidências. Uma visão derivada, o

Cavalcante



projeto inteligente, sustenta que a complexidade da vida somente pode ser explicada por meio de um plano racional de criação.

É óbvio que as extensas evidências fósseis provam que humanos e dinossauros nunca coexistiram. Essas representações pseudocientíficas podem confundir os jovens, exceto se for esclarecido que a visão sendo apresentada é religiosa e não científica.

Deve-se enfatizar que a comunidade científica não é anti-religiosa. Muitos cientistas individuais são profundamente religiosos. Eles vêm de uma pesquisa científica e a fé como componentes complementares de uma vida muito diversificada. No século 5 a.C., Pitágoras visualizou uma harmonia divina original nos cruzamentos dos eventos físicos e suas bases matemáticas.

Infelizmente, os estudantes atuais e mesmo os frequentadores de cinemas estão sendo forçados a escolher entre ciência e religião, como se os dois domínios estivessem em alguma forma de competição. A censura, a supressão ou a distorção das informações científicas são totalmente inaceitáveis, independentemente de onde elas ocorram.

É chegada a hora de avançar além do debate polarizador e reconhecer que fatos e fé são diferentes, mas podem coexistir, e ambos têm o poder de melhorar as vidas das pessoas.

ALAN I. LESHNER é executivo-chefe da Associação Americana para o Avanço da Ciência e editor-executivo da revista "Science".

A ciência prova: a fé ajuda a viver melhor

GLÁUCIO SOARES

Estes últimos dias reviveram a questão religiosa. Muitos perguntam: para que serve a religião? É uma perda de tempo ou acarreta algum benefício, ainda nesta vida? O que dizem as pesquisas sobre os efeitos da religião? Os resultados surpreendem: os religiosos se consideram mais felizes. Mookherjee mostrou que a participação religiosa influenciava a avaliação da própria felicidade, juntamente com a raça, o estado civil, a educação e a renda.

Sabemos que os cristãos têm uma baixa taxa de suicídio. Porém, Hovey, estudando imigrantes latino-americanos, não encontrou associação entre filiação a esta ou aquela religião e ideias suicidas, mas mostrou que a religiosidade e a frequência da participação na igreja diminuíam as ideias suicidas. Uma regressão múltipla controlou outros fatores e a relação persistiu — forte, significativa e negativa. Os mais religiosos pensam menos em suicídio.

Há fatores sociais associados com a religião. Templos e igrejas são lugares de oração e, também, lugares onde as pessoas se encontram, se conhecem

e, eventualmente, se ajudam. Lovell Smith e associados estudaram negros americanos católicos. Concluíram que a participação nas atividades da igreja e o sentido de comunidade aumentavam a disposição das pessoas em ajudar outras. Mais religiosidade significa preocupação com o próximo, melhor percepção do outro, mais empatia e mais ação, fazer algo para ajudar.

Religião e saúde andam juntas. Uma pesquisa em Saskatchewan, no Canadá, mostrou que renda e educação afetavam a saúde. Porém, era na velhice que a pobreza e a falta de educação faziam mais diferença. Ter amigos no trabalho e participar de atividades religiosas foram as outras variáveis que mais beneficiavam a saúde. Entre idosos, a participação em clubes e atividades religiosas melhorava a saúde, mesmo controlando outros fatores.

A saúde mental também melhora com a religiosidade: num estudo de idosos com depressão, os intrinsecamente mais religiosos se recuperaram 70% mais rápido. A religiosidade era muito importante, mas a frequência à igreja e aos templos não era. O que contava era sentir a religião.

Porém, há crenças que ajudam mais que outras — algumas podem prejudicar. No Centro Médico da Uni-

versidade de Duke, os pacientes foram separados em três grupos: os sem perspectiva religiosa, os com perspectivas negativas e os com perspectivas positivas (visão de Deus como benevolente, como amor, tentativa de participar do "plano de Deus", buscando uma ligação com Deus e religiosos etc.). Os que adotaram uma perspectiva positiva tiveram resultados muito melhores.

Um dos estudos mais impressionantes relacionou os níveis de IL-6, um citocina que é um mensageiro entre partes do sistema imune, alto nos idosos e nos que sofrem de doenças do sistema imune. Controlando a idade, gênero, estado de saúde, os que iam frequentemente à igreja tinham um risco de ter um alto nível de IL-6 que era 42% mais baixo. O sistema imune das pessoas religiosas é mais estável.

E a morte? É normal ter medo da morte, mas algumas pessoas ficam muito ansiosas com a morte e outras pouco. A religião ajuda a diminuir a ansiedade da morte: numa população de idosos incapacitados, quanto mais oração, menor era a ansiedade: 10% entre os que oravam e 24% entre os que não oravam.

Os religiosos vivem mais? Menos? H. G. Koenig estudou quatro mil idosos na Carolina do Norte, que foram

acompanhados durante mais de seis anos. O risco de morte entre os mais religiosos era 46% menor — o equivalente à diferença entre os que usam e os que não usam cinto de segurança em automóveis.

O efeito era mais pronunciado entre as mulheres. Os autores neutralizaram os fatores demográficos, de saúde e sociais. Com esses controles, os religiosos tinham uma taxa de morte 35% mais baixa entre as mulheres e 17% entre os homens. Oman e Reed controlaram dados demográficos (idade, gênero etc.), o estado de saúde na origem, o funcionamento físico, hábitos sanitários, o capital social e o estado psicológico de dois mil idosos que residiam no Condado de Marin, na Califórnia.

Fizeram um acompanhamento de cinco anos. A taxa de mortalidade dos que participaram de missas, cultos, grupos de oração etc. foi mais baixa do que os demais (probabilidade relativa de 0,64, onde 1 significa que não há diferença). Depois de ajustar os resultados por idade e gênero o risco subia um pouco, para 0,76. A atividade religiosa protegia mais as pessoas com mais apoio social.

A relação entre religiosidade e sobrevivência é forte e perde pouca intensidade quando controlamos outros

fatores. Strawbridge acompanhou 5.286 residentes do Condado de Alameda durante 28 anos. Usaram regressões logísticas que mostraram as associações entre a participação religiosa e melhorias posteriores nos hábitos sanitários e nas relações interpessoais. O impacto sobre a probabilidade relativa de morte era significativo: os religiosos viviam mais tempo e morriam menos — 36% menos.

As diferenças eram maiores entre as mulheres. O controle dos hábitos sanitários e das relações pessoais refinou os resultados, diminuindo o efeito "puro" da frequência religiosa para 23%. Parte dos efeitos da religião se deveu à melhoria dos hábitos: proporcionalmente, os "assíduos" deixaram de fumar mais, se exercitaram mais e permaneceram casados, três condições que protegem a saúde e a vida. Assim, o efeito da participação religiosa sobre a mortalidade se deve, em parte, ao estilo de vida e a mecanismos internos. Não sei se a fé remove, mesmo, montanhas, mas há ampla evidência empírica mostrando que religião e fé ajudam a viver mais e melhor, e a morrer em paz.

GLÁUCIO SOARES é professor do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ).